

Autonomia e autoestima no trabalho cerâmico artesanal: reflexões sobre o cooperativismo feminino no bairro Poti Velho, em Teresina – Piauí (2006-2019)

Amanda Lima da Silva

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - Maranhão - Brasil
amandalima7728@gmail.com

Resumo: No presente artigo, fazemos uma análise das experiências de mulheres trabalhadoras ceramistas do Poti Velho, em Teresina – Piauí, com o cooperativismo (2006-2019). Para tanto, usaremos as entrevistas feitas com seis mulheres da Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (COOPERART-Poty). Procuramos saber os reflexos do cooperativismo na vida destas mulheres, na formação de suas identidades enquanto trabalhadoras ceramistas e sua contribuição para a renda e autoestima feminina. Percebemos que a COOPERART-Poty possuiu um papel relevante na constituição das identidades femininas como trabalhadoras ceramistas; a produção de peças de argila elevou sua importância econômica em casa; e o trabalho cerâmico na cooperativa contribuiu para o desenvolvimento da autoestima feminina.

Palavras-chave: Trabalho Cerâmico. Cooperativismo. Mulheres.

Introdução

Neste artigo¹ propomos uma análise das experiências de seis mulheres trabalhadoras no cooperativismo cerâmico do bairro Poti Velho, em Teresina – Piauí. Elas fazem parte da Cooperativa de Artesanato do bairro Poti Velho (COOPERART-Poty), fundada em 2006, e composta apenas por mulheres. Procuramos saber os reflexos do cooperativismo na vida dessas mulheres, na formação de suas identidades enquanto trabalhadoras ceramistas e sua contribuição para a independência financeira e autoestima feminina. O recorte temporal se refere ao ano de fundação da cooperativa até o ano em que foram realizadas as entrevistas orais, em 2019.

O campo de estudo é o bairro Poti Velho, localizado na zona norte da capital Teresina, próximo ao encontro dos rios Poti e Parnaíba, na divisa entre Piauí e Maranhão. A região do Poti Velho é relevante para a história da cidade. Antes de

¹ Este artigo surgiu a partir da pesquisa de Mestrado (2021) da presente autora: “Na minha veia não corre sangue, corre barro”: histórias e memórias de mulheres ceramistas do bairro Poti Velho, em Teresina – Piauí (1960-2019)”

Teresina se tornar capital, em 1852, “[...] já na segunda metade do século XVIII, a região do hoje considerado bairro Poti Velho já possuía um considerável contingente populacional e dinâmica vida comercial” (PEREIRA; MORAES, 2014, p. 2). Tal aspecto do desenvolvimento populacional da região chamou a atenção do governo provincial do Piauí no século XIX, que tinha planos de transferir a capital, então Oeiras², para um novo local, onde seria erguida a cidade sob os princípios de modernidade e progresso.

Segundo Freitas (1988), a atual região do bairro Poti Velho foi referência para a instalação da nova capital do Piauí no século XIX, mas o então governador do Piauí, José Antônio Saraiva³, abortou os planos de transferência ao perceber que a vila do Poti podia sofrer com endemias e cheias devido sua proximidade com os rios. Logo, a transferência da sede administrativa do Piauí ocorreu em uma localidade conhecida na época como Chapada do Corisco, atual região do centro de Teresina.

Para Silvai e Scabello (2013, p. 70), a decisão de Saraiva submeteu o Poti Velho a condições periféricas no final do século XIX e o crescimento da capital ocasionou o gradual esquecimento do bairro, “a área passou a receber contingentes de população de baixa renda que se dedicaram às atividades de subsistência e comerciais”. O Poti Velho sofreu um processo de marginalização ao longo de sua história que pôde ser observado tanto na estrutura urbana, marcada pela existência de casebres de produção cerâmica feitos com taipa e palha presentes na avenida principal do bairro até o início da década de 2000⁴, quanto no panorama socioeconômico e cultural, com a prevalência de atividades tradicionais ligadas aos recursos naturais do bairro. Tais atividades acontecem até os dias de hoje.

O bairro possui dinâmicas econômicas e culturais ligada aos rios. A tradicional pesca artesanal está presente no cotidiano dos habitantes. Também ocorre anualmente os festejos de São Pedro, padroeiro dos pescadores, que envolve a comunidade em uma procissão terrestre-fluvial. Na memória local, também se destaca a produção de tijolos e telhas de barro em olarias que, segundo Portela (2005), explorou trabalhadores e trabalhadoras enquanto alimentava a construção civil teresinense da segunda metade do século XX. Além da produção cerâmica artesanal.

² Primeira capital do Piauí (1759-1852), Oeiras está a mais de 300km de distância da cidade de Teresina, para o sul do Estado

³ Fundador da capital Teresina no Piauí. Governou entre 1850 e 1853 a província do Piauí.

⁴ As frágeis estruturas só vieram ser substituídas por construções de concreto após a população ceramista se unir em torno de melhorias das condições de trabalho, fazendo reivindicações ao governo local, resultando na construção do Polo Cerâmico do Poti Velho, em 2006.

Foi em decorrência de um maior desenvolvimento cerâmico, graças à criação da Associação dos Artesãos em Cerâmica (ARCEPOTI), sobretudo nos primeiros anos da década de 2000 (SILVA, 2021) no bairro Poti Velho, que ocorreu a fundação Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (COOPERART-Poty), formada apenas por mulheres, com o objetivo de abrigar e incentivar o trabalho cerâmico feminino.

Entendemos o cooperativismo como um sistema que permite o desenvolvimento do indivíduo através do coletivo, como afirma Lima (2012). A união de trabalhadores e trabalhadoras em cooperativas contribui economicamente, mas também propicia a construção de suas identidades e os diálogos de interesses em comum. Nesse sentido, “define-se o cooperativismo como ‘sistema’ e as cooperativas como “unidade econômica e espaço de convívio e transformação dos seus integrantes” (LIMA, 2012, p. 215).

Nosso estudo se desenvolveu com o aporte da metodologia da História Oral. Para Alessandro Portelli (1997, p. 31) a História Oral conta mais sobre significados do que eventos: “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. Ao trabalhar com a metodologia oral tratamos da memória de pessoas repassadas pela fala. Enquanto fonte, entendemos que a memória é resultado das aspirações do presente e se ressignifica conforme as experiências vividas.

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997, p. 33).

As fontes orais se apresentam como possibilidade de entender determinada realidade partindo das experiências das pessoas. Nas entrevistas realizadas com as ceramistas, trabalhamos com a modalidade da História Oral de Vida. Segundo Branco (2020) na História Oral de Vida ressaltam-se passagens importantes da trajetória de vida da pessoa estudada, permitindo-se “[...] que o sujeito tenha assegurada maior autonomia para expor, o mais livremente possível, experiências pessoais, sendo a ele dado espaço para que sua narrativa seja conduzida segundo a própria vontade” (BRANCO, 2020, p. 12).

Em 2019, entrevistamos seis mulheres ceramistas da COOPERART-Poty que aqui chamamos de ENTREVISTADA A (48 anos), ENTREVISTADA F (60 anos), ENTREVISTADA L (52 anos), ENTREVISTADA M (57 anos), ENTREVISTADA N

(54 anos), ENTREVISTADA R (56 anos). Quatro delas estão na COOPERART-Poty desde sua inauguração, em 2006; as outras duas entraram pouco tempo depois da fundação. Cinco são mulheres negras e uma branca. Cabe ressaltar que o trabalho cerâmico na cooperativa é desenvolvido por uma maioria de mulheres negras.

Advindas dos contextos de pobreza do Poti Velho, elas têm experiências de trabalho em comum, como o fato de terem trabalhado como carregadoras de tijolos em olarias. Além disso, foram atuantes em outros serviços informais antes de serem trabalhadoras ceramistas, entre eles: comerciante de verduras em feiras, lavadeira de roupas, atendente de comércio, bordadeira etc., além de donas de casa. Suas realidades traduzem um aspecto estrutural de desvalorização e desprestígio que marca nossa sociedade, em relação às experiências de trabalho e vida de mulheres negras e pobres. Dias (1983) argumenta que as mulheres negras trabalham desde sempre, mas seus labores foram socialmente marginalizados, na América Portuguesa foram escravizadas, e mesmo no Brasil Independente continuaram frequentando os espaços da rua em serviços informais, vendendo produtos alimentícios ou como domésticas.

Entendemos que as mulheres da COOPERART-Poty fazem parte de um grupo social triplamente marginalizado: são mulheres, negras, advindas da categoria informal de trabalho. Este dado nos ajuda a compreender a importância da união cooperativa para fins de desenvolvimento de seu trabalho cerâmico e de suas condições de vida.

Cabe destacar como pensamos a relação de experiência e trabalho em nosso estudo. De acordo com Thompson (1981), as experiências dos indivíduos são tratadas em sua consciência e cultura, a partir de suas realidades e determinadas relações de produção em que estão inseridos, e assim agem sobre as situações.

[...] os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas da prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).

A partir de Thompson (1981), entendemos que as experiências de trabalho são constitutivas da consciência social feminina no cooperativismo cerâmico. Assim, a experiência, “sem bater na porta”, constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculização, recusa, é processo de formação de

identidades de classe e, poderíamos acrescentar, de gênero, de geração, de etnias” (MORAES; MÜLLER, 2003, p. 341).

Tendo apresentado algumas questões introdutórias, vamos nos debruçar sobre a formação da cooperativa de mulheres ceramistas do Poti Velho e fazer reflexões sobre suas experiências com o trabalho cooperativo.

Trabalho cerâmico cooperativo: as mulheres do Poti Velho

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2010, p. 18), as cooperativas possuem uma definição e objetivos no que se refere ao trabalho artesanal:

As cooperativas são associações de pessoas de número variável (não inferior a 20 participantes) que se unem para alcançar benefícios comuns, em geral, para organizar e normalizar atividades de interesse comum. O objetivo essencial de uma cooperativa na área do artesanato é a busca de uma maior eficiência na produção com ganho de qualidade e de competitividade em virtude do ganho de escala, pela otimização e redução de custos na aquisição de matéria-prima, no beneficiamento, no transporte, na distribuição e venda dos produtos.

Além de representarem uma forma de buscar recursos para o desenvolvimento técnico do artesanato produzido e de aumentar a autonomia econômica de trabalhadores artesãos, o cooperativismo também contribui para a constituição identitária e cultural daqueles que fazem parte de uma cooperativa. Segundo Michelle da Silva Lima (2012, p. 7):

O cooperativismo visa, portanto, atualizar princípios socioculturais importantes na vida dos trabalhadores, mas com um sentido de reformismo individual e social, ou seja, de capacitação sociopolítica de seus adeptos para a transformação da sociedade em que vivem, transformando-se a si mesmos nesse processo.

Entendendo as cooperativas como locais de trocas sociais, políticas e culturais, onde ocorrem práticas de trabalho que contribuem para a formação identitária e transformação do coletivo a partir de ações individuais poidas pelos interesses e objetivos dos trabalhadores, observamos, neste artigo, como o trabalho cerâmico artesanal na Cooperativa de Artesanato do Poti Velho - COOPERART-Poty atuou na transformação social, constituição de renda e autoestima feminina.

De acordo com o documento de Estatuto Social da Cooperativa de Artesanato do Poty Velho – COOPERART-Poty [...], a cooperativa formada apenas por mulheres foi fundada no dia 08 de setembro de 2006 como uma sociedade de

natureza civil de responsabilidade limitada e sem fins lucrativos, regida sob os valores e princípios do cooperativismo (SILVA, 2021, p. 104).

A necessidade de criar uma cooperativa voltada apenas para o trabalho feminino cerâmico foi fruto de uma tradição de trabalho em que os homens eram maioria na fabricação de peças cerâmicas desde a década de 1960, quando a atividade iniciou no bairro Poti Velho. Apenas nos primeiros anos da década de 2000, as mulheres foram sendo inseridas sistematicamente na produção cerâmica, como demonstra o relato de Raimunda Teixeira Silva (2011, p. 17) sobre sua trajetória enquanto ceramista:

A atividade cerâmica na região era dominada por homens, mas, nos anos 90, começou a participação das mulheres. Em abril de 1988, fundamos a Associação de Artesãos em Cerâmica do Poti Velho (Arcepoti), da qual fui Secretária, Tesoureira, Vice-Presidente e presidente por quatro anos. Em 2004, conseguimos, por meio da Arcepoti, um curso de modelagem e de bijuterias em cerâmica para 27 mulheres da comunidade. Ao terminar esse curso, ficaram oito mulheres produzindo sistematicamente e comercializando sua produção com o apoio da Associação.

A partir disso, a COOPERART-Poty formou-se e ganhou lugar fixo no Polo Cerâmico do Poti Velho, local constituído em 2006 com diversas repartições que possuem área exclusiva para a manipulação do barro e de exposição para a venda. Advindas dos contextos de pobreza do bairro, antes de serem ceramistas cooperadas elas trabalhavam em diversos serviços informais para garantir renda.

As práticas informais são antecedidas da pouca habilidade para o mercado de trabalho, justificando desta maneira o tipo de trabalho em que as famílias estão inseridas, e são precedidas de uma renda que não contribui para a superação da pobreza” (SILVA, 2011, p. 158).

A ENTREVISTADA L (2019, s/p.) trabalhava fazendo panos de prato, que incluía a pintura de figuras com tinta e bordados para a venda, antes de integrar a COOPERART-Poty: “[...] eu sempre gostei muito assim do trabalho artesanal, aí mesmo eu trabalhando na olaria como a renda era pouca, eu fazia pano de prato, pintura, bordado”. O mesmo serviço era feito pela ENTREVISTADA M (2019, s/p.):

Eu trabalhava lá na ACCBT, na associação de bordadeiras do Piauí, de Teresina [...], eu era bordadeira de lá. [...] na ACCBT, eu não tenho certeza, mas eu trabalhei como bordadeira de 85 até 2006, foi saindo da ACCBT e pulando para a cooperativa [...]. Eu acho que foi uns 25 anos que eu trabalhei como bordadeira. [...] eu trabalhava na olaria também, porque bordado como é em casa, você pode bordar meio dia, geralmente eu bordava a noite.

Outra ceramista, a ENTREVISTADA A (2019, s/p.), também fazia bordados pra obter renda e passou por outras funções antes de casar. Após o casamento ficou trabalhando em casa:

[...] antes de eu casar eu trabalhava no armazém, antes eu trabalhei numa casa de oficina de carro, eu trabalhava vendendo peça de carro, resolvia algumas coisas na secretaria da fazenda, pagava os impostos, pagava as coisas e depois que eu saí de lá da casa de peças que eu tinha 15 anos. Aí eu fui para o armazém de cereais lá no bairro Buenos Aires [...]. Eu me casei [...]. Antes de eu fazer peça em cerâmica, pintar e tudo, eu bordava, [...]. Antes de eu vir para cá eu era dona de casa, ainda sou, mas só que eu não tinha assim uma ocupação e eu só cuidava de casa, fazia comida, essas coisas. Eu também olhava um sobrinho meu, cuidava de um sobrinho meu e ficava com outra criança da vizinha, levava para o reforço, trazia e aquilo eu ganhava um dinheirinho extra.

A ENTREVISTADA N (2019, s/p.) lembrou que antes de produzir peças cerâmicas, ela fazia vendas informais em sua casa para colaborar com as despesas de casa, só após o marido sofrer um acidente foi procurar modelar o barro como forma de ganhar uma renda:

[...] quando meu marido sofreu um acidente ele ficou com uns ferros nos pés, que foi fratura exposta, aí ele parou de trabalhar. Nesse tempo meus meninos eram tudo adolescente, tudo estudando, aí ele nunca quis deixar eu trabalhar, só fazia minhas vendinhas, vendia perfume, vendia bijuteria para ajudar. Aí ele sofreu esse acidente. Aí nesse tempo não tinha essas lojas que tinha aqui não, era só a oficina, a gente veio aqui.

Podemos observar pontos em comum nas narrativas das ENTREVISTADA L, M, A e N. Todas elas sempre pertenceram aos espaços de serviços informais. Kimberlé Crenshaw (2002) avalia que mulheres negras e pobres são comumente afetadas pelas desigualdades sociais, devido suas características interseccionais de gênero, raça e classe serem alvo da reprodução de opressões. Partindo de Crenshaw (2002), entendemos que o trabalho é um campo privilegiado para a percepção das desigualdades sociais. Como consequência disso, mulheres negras e pobres são comumente atiradas em trabalhos informais.

De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais – SIS, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020), em 2019, no Brasil, a maior parte das mulheres que trabalharam informalmente estavam concentradas em serviços domésticos (73,5%) e agropecuária (73,8%), e a maioria dos trabalhadores informais no geral são pessoas pretas ou pardas, entre homens e mulheres a taxa se iguala. De acordo com Saffioti (1969, p. 34), a seleção de caracteres raciais ou sexo opera como marca que permite hierarquizar os membros de uma sociedade historicamente dada. Por isso, observa-se que determinado contingente populacional é marginalizado nas relações de produção, tendo em vista características de raça e sexo.

Também observamos que o trabalho ligado às atividades domésticas (bordar, cuidar de crianças em casa, dona de casa, fazer pequenas vendas) estiveram entre as funções exercidas pelas ENTREVISTADAS L, M, A e N antes de serem trabalhadoras ceramistas. Tal fato não é incomum na história de mulheres, visto que o espaço doméstico foi mistificado como feminino pela sociedade patriarcal, principalmente a partir do século XIX, com a divisão do trabalho produtivo e reprodutivo, com bases no capitalismo. Isso implicou em uma divisão sexual do trabalho que atrapalha até hoje a consolidação de mulheres no trabalho formal, e mesmo mulheres de classes mais baixas, são afetadas por expectativas arcaicas sobre papéis sociais. Por isso,

os empregadores sabem que estamos acostumadas a trabalhar por nada e que estamos desesperadas para ganhar um dinheiro próprio que eles podem nos ter a um preço baixo. Desde que o “feminino” se tornou sinônimo de “dona de casa”, nós carregamos para qualquer lugar essa identidade e “as habilidades domésticas” que adquirimos ao nascer. É por isso que as possibilidades de emprego são frequentemente uma extensão do trabalho doméstico, e o nosso caminho ao assalariamento muitas vezes nos leva a mais trabalho doméstico (FEDERICI, 2019, p. 74).

No caso de mulheres negras, e no contexto do Brasil, cabe lembrar que elas estiveram recorrentemente ligadas às atividades de trato pesado e domésticas. Joana Moraes Monteleone (2019) argumenta que mulheres negras escravizadas geralmente exerciam atividades de lavar, costurar e cuidar das roupas das famílias de classes altas e quando se tornaram livres, na segunda metade do século XIX, as mulheres livres e pobres se multiplicaram atuando em serviços domésticos. Realidade que podemos observar até hoje, como demonstra o SIS (IBGE, 2020).

As mulheres que estudamos neste artigo também relataram terem trabalhado como carregadoras de tijolos nas olarias⁵ do Poti Velho. “Com base nos depoimentos dos oleiros mais antigos da região, estima-se que a exploração de argila nessa área ultrapasse os 50 anos” (PORTELA, 2005, p. 67). O serviço nas olarias se desenvolvia sem garantias trabalhistas e exploração da mão de obra com oferecimento de baixas remunerações: “Eu ganhava R\$ 2,50 para cada milheiro de tijolos que carregava. No máximo, por dia, eu conseguia carregar dois mil tijolos. Eu ganhava muito pouco!” (SILVA, 2011, p. 16). A ENTREVISTADA R lembrou da rotina nas olarias:

Então, quando a gente chegou aqui, acho que foi 1971, uma das grandes gerações de renda aqui era a produção de tijolos comum, onde o homem fazia

⁵ Consistiam em locais à céu aberto onde ocorria a produção de telhas e tijolos para a construção civil local. As atividades findaram em 2011 devido ao trabalho de intervenção urbana e ambiental do Programa Lagoas do Norte (PLN). Para mais informações veja SILVA (2021).

o tijolo e mulheres e crianças carregavam na cabeça. E aí, eu fui junto com meus quatro irmãos para as olarias carregar tijolo para poder ajudar minha mãe, porque ela trabalhava no mercado Mafuá. Ela ganhava muito pouco, não dava para sustentar a gente. A gente morava de favores na casa do irmão dela, então assim, era muito difícil nossa vida (ENTREVISTADA R, 2019, s/p).

Para Silva (2011), em contextos de pobreza, estratégias de sobrevivência são traçadas, “O objetivo é reunir os recursos parcos advindos de várias frentes de trabalho para que assim se possa ter um montante de valor que supra as necessidades, ou que pelo menos, possa arcar com o mínimo das despesas” (SILVA, 2011, p. 100). Segundo a autora, não é incomum que os recursos venham da realização de mais de um trabalho, quando atividades diferentes são desempenhadas.

Cabe ressaltar que a necessidade de muitas mulheres se inserirem no trabalho informal é resultado de opressões e explorações históricas de gênero, raça e classe, sobre às quais tem se sustentado a sociedade capitalista, “[...] o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo” (FEDERICI, 2017, p. 37). Logo, a dificuldade de muitas mulheres de serem absorvidas pelo mercado formal lançam elas na informalidade, refletindo o caráter estrutural das desigualdades.

O aspecto do dinheiro voltado para o bem familiar é lançado sobre a narrativa da ENTREVISTADA A. Ela lembrou que antes de casar trabalhava como vendedora e tinha seu próprio dinheiro. Depois que casou, investiu o que ganhou na construção da casa onde foi morar com o marido. A partir disso, sua vida mudou e ela passou a ser dona de casa em tempo integral, cuidou dos filhos das vizinhas para ganhar um extra e praticou bordado, mas estava sempre em casa.

[...] antes de casar foi uma etapa também boa da minha vida, porque eu ainda não tinha casado, aí eu engravidei, eu tinha meu dinheiro, ajudei a construir a casinha que a gente tem que é ao lado da minha mãe. [...] aí começamos a construir nossa casinha [...] e hoje eu já tenho assim uma renda [...], porque eu passei tanto tempo parada, sem trabalhar que quando eu passei a ter meu dinheirinho e tudo, ave maria foi uma mudança de vida demais para mim, eu fiquei com autoestima, eu gostei mais de mim, dei aquela levantada, porque quando a gente vive só em casa, aí você fica muito parada. Aí depois que eu comecei aqui me deu aquela força mais de vida, fiquei mais alegre. Aí eu digo “meu deus, mudou muito a minha vida”. É uma coisa que eu faço porque eu gosto, tenho prazer de fazer e qualquer pessoa que chega aqui eu atendo, eu acho que eu atendo bem (ENTREVISTADA A, 2019, s/p).

O trabalho na COOPERART-Poty é rotineiro, elas saem de casa e vão produzir no galpão da cooperativa. Em dias definidos cada uma tira seu plantão na parte das vendas, anotando tudo que é comprado. As mulheres possuem a opção de terminar peças de barro em casa se necessário, mas a ENTREVISTADA A celebrou justamente a possibilidade de estar no polo cerâmico, trabalhando fora de casa.

Observamos que o casamento influenciou na rotina da mulher, ela parou de trabalhar para ser dona de casa. Nesse sentido, o trabalho na cooperativa aparenta ter reavivado as expectativas da ENTREVISTADA A. Novamente, isso aponta para a problemática da divisão sexual do trabalho, erigida socialmente como forma de opressão da atuação feminina nos mais variados labores. As mulheres são frequentemente associadas ao trabalho doméstico não remunerado, afirma Federici (2019). Isso porque “[...] a importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada no âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificadas como uma vocação natural e designadas como “trabalho de mulheres”. (FEDERICI, 2004, p. 145). Este também é um dos fatores que fazem elas receberem as piores remunerações e ocupações de serviço.

Como observamos no caso da ceramista ENTREVISTADA A, mesmo em classes sociais baixas, as construções sociais tradicionais pretendem que mulheres sufoquem entre as paredes de suas casas, impedindo-as de se dedicarem a outros setores de trabalho. Tal visão ultrapassada influencia o sentido do trabalho, identidade e autoestima feminina. Ao recordar que ganhou força de vida e autoestima no labor com o barro, ela deixou nas entrelinhas que o tempo que viveu apenas como dona de casa não era satisfatório para ela e que o trabalho cerâmico renovou suas expectativas após anos de dedicação ao serviço doméstico não remunerado.

Acredita que depois que eu tive a oportunidade de começar com o artesanato aqui, mudou minha vida demais, porque antes eu me via assim, só dona de casa, cuidando da casa, filho e tudo, e muitas vezes eu me sentia assim, um pouco deprimida, [...] porque quando você faz algo fora, você trabalha, você vê que tá sendo, assim, fazendo alguma coisa, aquilo levanta sua autoestima, faz você se sentir bem e tudo (ENTREVISTADA A, 2019, s/p).

De acordo com Fernandes (1984), a autoestima é um sentimento do ser humano em relação a si mesmo e está associado à identidade, no caso das mulheres que vivenciam transformações que lhe conferem novos referenciais, a participação do trabalho nesse processo desempenha um papel importante, “[...] pois ele se constitui em um referencial a partir do qual são exigidas práticas sociais diversas daquelas proclamadas a partir do universo doméstico, unicamente” (FERNANDES, 1984, p. 72). A identidade de mulheres é reestruturada a partir do exercício de outras funções, não apenas as voltadas para o trabalho em casa.

A ENTREVISTADA A já havia trabalhado em várias funções. A partir do casamento se manteve mais presa a atividades domésticas e serviços que não lhe tiravam

completamente do lar. Ela não se libertou das amarras do trabalho doméstico não remunerado em casa quando foi para a cooperativa de cerâmica.

Segundo Abramo (2010, p. 19), mesmo quando mulheres passaram a entrar expressivamente em vários setores de trabalho na segunda metade do século XX, a realidade “[...] não foi acompanhada nem por um aumento equivalente da participação dos homens na distribuição das responsabilidades e tarefas domésticas e familiares”. Apesar disso, a COOPERART-Poty possibilitou que a ENTREVISTADA A passasse mais tempo fora de casa, mas também ofereceu flexibilidade para que ela pudesse produzir no seu lar quando fosse preciso.

Fernandes (1984), mencionando Saffioti, ilustra a importância do trabalho para a autoestima feminina. Para Saffioti (1979 *apud* FERNANDES, 1984), quando a família deixou de ser a unidade de produção, a mulher vivenciou a perda de seu papel economicamente ativo culminando em uma perda de autoestima. A autora se refere à falta de importância recebida pelo trabalho doméstico em que se encontravam muitas mulheres. Isso impactou suas identidades, interferindo na autoestima.

O labor cerâmico possibilitou a autoconfiança necessária para a mulher à medida que ela se apropriou de novas ambições no trabalho na cooperativa. De acordo com Lima (2012, p. 11), isso ocorre porque “na e pela mediação da cooperativa e pela identidade cooperada, o trabalho, como prática social, confere visibilidade social e produção de novas formas de subjetividade às mulheres”.

A ceramista ENTREVISTADA N enfatizou que a flexibilidade do trabalho cerâmico na cooperativa contribuiu para sua manutenção na atividade, pois não comprometeu a realização de funções em sua casa, ajudou ela a ter seu próprio dinheiro e também por ser um trabalho cômodo para sua idade.

Mudou muito a minha vida, porque todo mês eu tenho meu dinheirinho, toda semana, como a gente já tá essa idade, fica mais difícil para gente arranjar emprego. Aí não atrapalha na vida da gente dentro de casa, porque a gente tem tempo de fazer as coisas da gente dentro de casa e tempo para trabalhar e ganhar o dinheirinho da gente (ENTREVISTADA N, 2019, s/p).

O dinheiro que a ENTREVISTADA N ganhou vendendo peças cerâmicas fabricadas por ela na cooperativa ajudou nos estudos dos filhos. Ela recordou que contribuiu para despesas pequenas da vida acadêmica do filho que foi estudar agronomia na cidade de Uruçuí⁶. Seu dinheiro foi destinado para pagar lanches, passagens, cópias

⁶ Cidade no Piauí, cerca de 400km de distância de Teresina.

de textos. A pequena renda foi resultado da produção cerâmica, mas resguardou um lugar de grande feito na memória da ceramista:

[...] meus filhos já eram tudo grande, estudando [...]. Quando eu entrei meu filho, tinha um que estava na universidade, os dois já estavam na universidade, isso também ajudou muito porque ele estudava fora, ele fazia agronomia em Uruçuí e às vezes, o dinheiro que o pai dele ganhava era muito pouco. Já tirava do meu um dinheirinho para mandar para ele, ajudar comprar uma merenda, tirar uma xerox, pagar uma passagem (ENTREVISTADA N, 2019, s/p).

O marido era responsável por mandar dinheiro para o filho, mas a ENTREVISTADA N se orgulhou ao mencionar que também fez parte da trajetória universitária do filho financiando suas pequenas necessidades. Segundo Abramo (2010), nas construções sociais forjadas pelo patriarcado, a renda feminina é vista como uma “ajuda”, por isso é frequentemente desvalorizada e destinada prioritariamente para as compras domésticas.

A ideia da mulher como força de trabalho secundária estrutura-se a partir da separação e hierarquização entre as esferas do público e do privado e da produção e da reprodução. Assim como em torno de uma concepção de família nuclear na qual o homem é o principal ou o único provedor, e a mulher é a responsável principal ou exclusiva pela esfera privada (o cuidado doméstico e familiar), ou, no máximo, uma “provedora secundária”. Nesse modelo, a inserção da mulher no trabalho é vista como um aspecto secundário do seu projeto de vida, da constituição de sua identidade e de suas possibilidades reais (ABRAMO, 2010, p. 22).

Para as mulheres, ter seu próprio dinheiro é uma questão de autoafirmação. O dinheiro possui um sentido diferente para elas, mesmo que seja destinado apenas para as compras rotineiras da casa, é através do dinheiro que elas podem se inserir na rotina da casa também como provedoras. Segundo Saffioti (1969, p. 317), quando a mulher se insere no âmbito de trabalho, significa para ela

[...] encontrar um modo socialmente aceitável de enfrentar a situação econômica difícil ou de ampliar os rendimentos da família, de maneira a permitir certa folga orçamentária a fim de proporcionar melhor e mais completa educação aos filhos, alcançar um padrão superior de vida e, até mesmo, certo grau de consumo conspícuo.

A ENTREVISTADA N reforçou que o trabalho cerâmico lhe proporcionou alívio nos momentos de tensão, além de ser bom para o seu bolso, argumentou ser bom para a mente. Na sociedade atual, em que o desempenho laboral é marcado pelo tempo (THOMPSON, 1998) e as cargas de trabalho são responsáveis por exaustar o indivíduo, mexer com o barro escapole à realidade: “olha, se você tiver bem aqui com um problema, com a cabeça cheia, você começar fazer uma boneca dessa você esquece completamente.

É bom pra mente, é bom pra tudo [...]. É calmante [...]. Ajuda tanto o dinheirinho como ajuda a mente” (ENTREVISTADA N, 2019, s/p).

A trabalhadora do barro ENTREVISTADA F, também mencionou que o dinheiro de sua renda é destinado, principalmente, para ajudar as filhas e os netos, ela quer oferecer conforto para a família:

[...] o que eu ganho aqui é uma ajuda a mais, hoje eu vivo só com ele, e do meu marido. Mas o que eu posso ajudar meus filhos, meus netos, hoje eu tenho sete netos, eu ajudo no que eu posso. E é bom, assim, a gente ter, hoje eu tenho mais apoio, minha filha é aqui também, é cooperada, e ele [**marido**] já me ajuda, antigamente ele fazia crítica [...] e hoje eu tenho apoio [...]. Tem que gostar de fazer artesanato, porque se a gente não gostar, não produz nada. Os meus netos estão crescendo, precisando de mim e eu pretendo ter para dividir com minhas filhas, com meus netos, o que for preciso, o que eu puder ajudar (ENTREVISTADA F, 2019, s/p, **grifo nosso**).

A ENTREVISTADA F divide a responsabilidade financeira com as filhas para que possam cuidar melhor dos netos da ceramista. Mesmo sendo aposentada, ela enfatiza o valor do dinheiro que ganha na COOPERART-Poty. Como argumenta Silva (2011, p. 99), em famílias que vivem de uma renda incerta, as relações econômicas são solidárias, o peso dos gastos é repartido entre os membros da família.

A satisfação da ENTREVISTADA F, bem como a da ENTREVISTADA N, em contribuir com a renda familiar também está ligada ao aspecto de afirmação econômica da mulher, sua realização pessoal e suas identidades, como afirma Araújo e Scalón (2005, p. 19). O trabalho pode ser percebido

como fonte de realização pessoal que pode conferir status e constituir elemento de afirmação econômica; em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia dos indivíduos, na qual a realização torna-se secundária e a necessidade econômica, imperativa, sendo o tempo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para a realização pessoal; e, por fim, como elemento que permanece central na constituição das identidades dos indivíduos.

O dinheiro, como resultado das dinâmicas de trabalho colaboram para a afirmação social e econômica da mulher, contribuindo para certa autonomia, mas também para seu olhar sobre si mesmo, sua autoestima e identidade. A ENTREVISTADA F também falou sobre os efeitos de seu trabalho na cooperativa para o corpo e para a mente. Há uma unanimidade entre as mulheres que entrevistamos quando elas falaram sobre os processos de produção cerâmica. Elas consideram a atividade terapêutica, calmante. Para a ENTREVISTADA F, faz com que ela se sinta jovem, pois ela pode se movimentar

todos os dias para ir até a cooperativa, exercitar sua mente e suas mãos na criação de peças.

E hoje as minhas netas dizem assim [...] “a senhora podia nem trabalhar mais na cooperativa, a senhora já é aposentada, eu disse, “minha filha, quando mais eu ganho mais eu tenho para ajudar vocês” [...]. Eles dizem assim [...] “não quer mesmo ficar velha não”, eu disse “minha filha, eu sou, eu sou velha, mas eu tenho que ter o espírito de gente novo”. Porque se eu for me sentir velha, eu vou ficar em casa (ENTREVISTADA F, 2019, s/p).

Os efeitos apaziguadores do corpo e da mente descritos pelas ceramistas ao falarem do barro como calmante, dá para elas energia de vida, fazem-nas se sentirem fortes. Tal relação de troca é explorada pelo campo emergente da Arteterapia⁷. De acordo com Ricardo Velasco Lemos (2018), a Arteterapia considera que a lida com a argila pode ajudar em processos terapêuticos de indivíduos, pois o trabalho com o barro pressupõe uma experiência de criação gestada de uma relação mental e tátil, que possibilita a linguagem não-verbal, expressão do indivíduo no mundo por meio da modificação do barro. Para Lemos (2018), ao deixar as marcas de seus dedos na argila, o indivíduo se torna consciente de sua capacidade de transformar e sentir o impacto de sua presença no mundo.

A ENTREVISTADA R, ex-presidente da cooperativa (2006-2015), comentou que há pessoas que procuram aprender a manipular o barro por questões terapêuticas:

[...] a gente vê muitas pessoas procurando, sabe, para querer aprender esse ofício. Outros querem fazer o curso não é nem pra se filiar, tem gente que quer fazer o curso para aprender. Uns é porque médico passou, por terapia, outros é porque gostam de arte. A gente vê também os arquitetos, os arquitetos estão procurando demais aprender, fazer, mexer para ter mais noção, para não ficar só aquela coisa técnica (ENTREVISTADA R, 2019, s/p).

Embora os procedimentos da Arteterapia (LEMOS, 2018), formulados no campo da saúde, sejam diferentes de um cotidiano de trabalho em que a modelagem do barro é usada para ganhar dinheiro, dá para entender que os efeitos gerais do bem-estar do trabalho manual citados pelas mulheres entrevistadas ocorrem em seu dia-a-dia. Segundo os relatos das mulheres que estudamos, elas sentem prazer e seus problemas são temporariamente esquecidos durante um dia de trabalho manipulando a argila na cooperativa. Modelando argila, elas expressam um pouco do que pensam, sentem e experienciam.

⁷ Arteterapia alia saúde e arte, pressupõem que as diversas artes podem contribuir para tratamentos terapêuticos. Veja mais em LEMOS (2018).

Nas memórias de vida da ENTREVISTADA L, o labor cerâmico aparece como uma salvação do trabalho do sol quente nas olarias. Este era o destino enfadonho de muitas mulheres carregadoras de tijolos, e provavelmente elas temiam que fosse o único, tendo em vista que muitas pessoas começaram a trabalhar ainda adolescentes nas olarias, como foi o caso dela:

[...] porque só de eu ter que sair daquele terror de sol ali, que você saia uma hora da tarde para ficar num terror de sol quente daquele carregando tijolo. Ave maria, aqui para mim [...]. Financeiramente também, depois que eu passei vir para cá, foi que eu tive uma vida melhor, foi que eu vim passar a comer melhor. Construí a minha casa, assim, sabe, porque minha casa era de taipa e aí depois minha casa estava tão ruim, tão ruim, que eu tive que alugar uma casa para mim morar, e aí com o dinheiro daqui eu começando trabalhar, botar minhas peças, que mesmo eu trabalhando de aluguel, foi daí que construí minha casa (ENTREVISTADA L, 2019, s/p).

A ENTREVISTADA L foi uma mulher solteira na sua transição de trabalhadora oleira para trabalhadora cerâmica, ela não teve marido para dividir os gastos da vida ou para lhe fazer cobranças entre as paredes do lar. Por isso, ela comentou que construiu sua casa com o dinheiro da venda de peças de barro, já que antes ela morava em uma casa de taipa e depois morou de aluguel. Sua jornada foi sendo improvisada solitária e livremente, em meio às dificuldades de morar e comer. A partir de sua narrativa, observamos que

as famílias chefiadas por mulheres assumem postos de trabalhos precarizados como trabalhos domésticos, serviços informais como costureiras e serviços de ambulante. Com o nível de escolaridade baixa e pouca qualificação profissional grande parte estão nas camadas mais pobres da sociedade (SCHERER, 2009 *apud* BORGES, 2017, p. 195).

Ao equilibrar-se nas cordas da desigualdade social como pôde, e experimentar trabalhos por pequenos ganhos diários, a ceramista ENTREVISTADA L narrou que só começou a comer melhor depois que passou a vender suas peças cerâmicas. Como antes pagava aluguel, teve algumas dificuldades para se alimentar. O trabalho cerâmico foi muito vantajoso para a população feminina que viveu por muitos anos nas olarias:

[...] e só em eu conseguir meu ponto de trabalhar sem precisar pagar aluguel, sem nada. “Tu” acredita que uma coisa que eu faço mesmo porque eu gosto, que eu adoro. Essas coisas pequenas aqui tudo é eu que tiro, na forminha, aí tem delas maior, essas peças de parede tudo é eu que faço, eu pinto, eu adoro pintar eu passo o dia todinho, só vou para casa uma vez (ENTREVISTADA L, 2019, s/p).

O trabalho cerâmico é para elas um trabalho de prazer, o contato com o barro maleável produz sensações, a peça pensada e depois fabricada aguça a memória e experiências para contar histórias no barro. Mesmo quando se trata de uma peça mais

simples, há uma necessidade de sensibilidade para reunir os elementos certos para cativar o indivíduo que irá comprar a peça.

A ENTREVISTADA L enfatizou o prazer de ser ceramista. Os efeitos positivos do trabalho cooperativo na vida da ENTREVISTADA L, e também das outras ceramistas, remontam à relação entre a autonomia e desenvolvimento individual e a noção de empoderamento que segundo Friedman (1996 *apud* OLIVEIRA *et. al.*, 2018, p. 634), pode se dar no âmbito social, político e psicológico.

O empoderamento social se refere ao acesso a determinadas bases de produção doméstica, por exemplo, informação, conhecimento e técnicas, e recursos financeiros. Tal tipo de empoderamento presume o acesso às instituições e aos serviços, e a capacidade de influência no ambiente público. O empoderamento político corresponde ao processo pelo qual são tomadas as decisões; esse, no entanto, não está relacionado tão somente com o poder de voto, mas principalmente com o poder de voz e da ação coletiva. Por fim, o empoderamento psicológico ou pessoal ocorre quando há um despertar da consciência no que se refere à autonomia e ao desenvolvimento individual; abrange desde questões relativas à autoestima e à autoconfiança, como também a ter controle sobre a própria sexualidade, reprodução e segurança pessoal, provém da consciência individual de força.

Segundo as narrativas das nossas entrevistadas, percebemos que o empoderamento social, político e psicológico alcançou as mulheres ceramistas estudadas, pois na COOPERART-Poty vivenciou-se a aprendizagem de novas técnicas relacionadas à produção cerâmica. Há uma tomada de decisões coletivas mediadas pelo voto e pela valorização da opinião das membras, e também ocorreu um desenvolvimento consciente de autoestima e autoconfiança na realização do trabalho.

No relato da ENTREVISTADA M, ela demonstrou a relevância do trabalho cerâmico na cooperativa para sua autoestima como mulher trabalhadora através de lembranças de insegurança. A ceramista foi repreendida pelo marido quando começou a moldar o barro, fazendo com que ela pensasse em não seguir trabalhando na função. Isso repercutiu de forma negativa na consciência da ceramista:

A gente já teve aqui concurso de colar, no tempo que a gente estava aí com uma parceria com o [incompreensível], ele passou parece que cinco anos com a gente. Aí teve concurso de peças concorrido, aí eu ganhei, assim, é porque meus colares, eu digo assim “meu deus, eu mesma que fiz?”, “será que alguém vai usar esses colares?” [...]. O pessoal diz assim “esses colares não vão vender”, quando eu penso que não, entra uma artista da televisão compra meus colares, de noite tá na televisão (ENTREVISTADA M, 2019, s/p).

A ENTREVISTADA M recorreu à memória da dificuldade para dimensionar a sensação de aceitação que sentiu ao ter suas peças compradas por uma artista de televisão do Piauí e vencer um concurso de modelagem. Ela questionou sua capacidade de produzir

peças e se seriam aprovadas pelos outros, também foi questionada por outras pessoas por fazer colares, embora as continhas já fossem usadas tradicionalmente para a produção de colares. Isso demonstra que, por vezes, tabus e fragilidades relacionadas à expressão de suas subjetividades na argila se instalaram na vida da mulher ceramista, criando sentimentos de impotência e insuficiência, que podem afetar o crescimento feminino na função que exerce.

No que diz respeito à relação entre trabalho feminino e autoestima, Fernandes (1984, p. 73) argumenta que a percepção que os outros possuem dos papéis sociais desempenhados pela pessoa acaba interferindo no sentimento que a pessoa tem de si própria “[...] reforçando a maneira pela qual se sente, em um verdadeiro processo de retroalimentação. A expectativa dos outros sobre o comportamento da pessoa influencia o desenvolvimento de uma autoestima elevada ou não”. Nesse sentido, a autora reforça que a interação social tem seu papel na criação do sentimento da pessoa sobre si, além de ser fator de autoafirmação.

No estudo de Oliveira *et. al.* (2018, p. 644), ao ser analisado o grau de empoderamento feminino na Cooperativa Agrária dos Assentados do Vale do Piquiri (Cooperagra) e da Associação de Mulheres do Assentamento Nossa Senhora Aparecida (Amana), argumentou-se que os principais aspectos da participação coletiva ligados a uma mudança de atitude e realização das mulheres se referem a valorização da opinião feminina, coragem de falar em público, segurança e reconhecimento. A partir das narrativas das mulheres que estudamos, também acreditamos que tais aspectos sejam responsáveis pelo seu desenvolvimento e empoderamento enquanto trabalhadoras ceramistas, adicionando-se o aspecto da identidade como elemento de coesão de seus interesses e consciência de suas experiências de vida em comum.

Considerações finais

Percebemos que o cooperativismo possui um papel importante na atualização das identidades e interesses das mulheres trabalhadoras ceramistas (LIMA, 2012). Apesar de terem trabalhado em diversos serviços informais, apenas quando passaram a atuar na COOPERART-Poty, puderam vivenciar certa estabilidade no trabalho e de renda, laços afetivos e objetivos em comum. As expectativas construídas pela sociedade em torno de suas funções enquanto mulheres puderam ser burladas, embora elas não estejam

totalmente libertas e continuem sendo as principais responsáveis por atividades domésticas.

Apesar da renda obtida não possibilitar uma liberdade financeira completa, em alguns casos, ela auxilia na realização de pequenos gastos e na contribuição com o futuro dos filhos, dos netos e da realização de seus próprios desejos. Esta situação era menos recorrente quando eram apenas donas de casa, já que, segundo Federici (2019), a sociedade capitalista ainda ignora e invisibiliza o serviço doméstico no lar como trabalho. Ou quando trabalhavam em várias frentes de serviços informais, algo que lhes dava instabilidade maior em relação ao cerâmico. O cooperativismo ecoou na consciência feminina, na forma como se veem, se identificam e contribuiu com sua autonomia e autoestima enquanto mulheres trabalhadoras.

AUTONOMY AND SELF-ESTEEM IN HANDMADE CERAMIC WORK: REFLECTIONS ON WOMEN'S COOPERATIVISM IN THE POTI VELHO NEIGHBORHOOD, IN TERESINA – PIAUÍ (2006-2019)

Abstract: In this article, we analyze the experiences of women ceramic workers from Poti Velho, in Teresina - Piauí, with cooperativism (2006-2019). To do so, we will use the interviews done with five women from the Cooperative of Handicraft of Poti Velho (COOPERART-Poty). We seek to know the reflexes of the cooperativism in the lives of these women, in the formation of their identities as pottery workers and its contribution to the income and self-esteem of the women. We noticed that COOPERART-Poty had a relevant role in the constitution of women's identities as ceramics workers; the production of clay pieces increased their economic importance at home; and the ceramic work in the cooperative contributed to the development of women's self-esteem.

Keywords: Ceramic work. Cooperativism. Women.

AUTONOMÍA Y AUTOESTIMA EN EL TRABAJO CERÁMICO ARTESANAL: REFLEXIONES SOBRE EL COOPERATIVISMO FEMENINO EN EL BARRIO DE POTI VELHO EN TERESINA – PIAUÍ (2006-2019)

Resumen: En este artículo analizamos las experiencias de las trabajadoras cerámicas de Poti Velho, en Teresina - Piauí, con el cooperativismo (2006-2019). Para ello, utilizaremos las entrevistas realizadas a cinco mujeres de la Cooperativa de Artesanía de Poti Velho (COOPERART-Poty). Buscamos conocer los reflejos del cooperativismo en la vida de estas mujeres, en la formación de sus identidades como trabajadoras de la cerámica y su contribución a la renta y a la autoestima femenina. Observamos que COOPERART-Poty desempeñó un papel relevante en la constitución de las identidades de las mujeres como trabajadoras de la cerámica; la producción de piezas de arcilla aumentó su importancia económica en el hogar; y el trabajo de la cerámica en la cooperativa contribuyó al desarrollo de la autoestima de las mujeres.

Palabras clave: Trabajo de cerámica. El cooperativismo. Mujeres.

Referências

ABRAMO, Laís. Introdução. *In: Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios – Organização Internacional do Trabalho*. Brasília: OIT, 2010. Disponível: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_229333.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Percepções e atitudes de mulheres e mulheres sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil**. *In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. p. 15-77.

BORGES, Kássia Valéria De Oliveira. **AS MULHERES CERAMISTAS DO MOCAMBO: A Arte de viver de artefatos ambientais**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2017. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5947/8/Tese_K%C3%A1ssia%20V.%20O.%20Borges.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRANCO, Samantha Castelo. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **NORUS**, vol. 8, nº 13, p. 8-27, Jan/Jul, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/download/18488/11674>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé W. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifen, p. 7-16, 2002. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.

DIAS, M. O. L. S. Mulheres sem história. **Revista de História (USP)**, dep.de história da USP, v. 114, p. 31-45, 1983. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62058>. Acesso em: 1 fev. 2018.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa. Mulheres: corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2004.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FERNANDES, Gisele da Silva. **Mulher, identidade e autoestima: elementos teóricos para uma reflexão crítica**. 1984. Dissertação (Mestre em Psicologia). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9711>. Acesso em: 2 jan. 2021.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

LEMOS, Ricardo Velasco. **Mãos de barro em arteterapia: remodelando o ser**. 2018. Monografia (Especialização em Arteterapia) – POMAR/FAVI, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://arteterapia.org.br/wp-content/uploads/2018/05/MonografiaRicardo.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

LIMA, A; NAVARRO, A. Mulheres do Poti: transformação cerâmica e representações femininas no Poti Velho, Teresina, Piauí. **Revista de História da UEG**, Morrinhos, v.9, n.2, e-922012, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/10246>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

LIMA, M. da S. Cooperativismo: uma experiência feminina na arte de produzir conquistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 20(1), p. 209-232. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100012. Acesso em: 23 jan. 2021.

MONTELEONE, Joana de Moraes. “Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras”: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 27, n. 1, e48913, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100207&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 mar. 2021.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e Experiência: contribuições de E.P Thompson à pesquisa em educação. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v. 21, n. 2. p. 329-349, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9653>. Acesso em: 30 jul. 2018.

OLIVEIRA, Nadja Simone Menezes Nery de; CARVALHO, Elenice Silva; NASCIMENTO, Thiago Pereira do; SCHMIDT, Carla Maria. Cooperação e empoderamento feminino: análise do Índice de Empoderamento e Desenvolvimento de Gênero (IEDG) em uma cooperativa agrária no Paraná. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 630-655, out. 2018. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/ESA26-3_cooperacao_e_empoderamento. Acesso em: 24 nov. 2021.

PEREIRA, Lucas Coelho; MORAES, Maria Dione Carvalho de. Entre “Teresina nasceu aqui” e “Aqui no Poti e lá em Teresina”: identidades e alteridades na memória oral do bairro Poti Velho. **XII Encontro Nacional de História Oral: “Política, Ética e Conhecimento”**, em Teresina-PI, na Universidade Federal do Piauí-UFPI. Teresina, mai., 2014. Disponível em: https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397482587_ARQUIVO_Artigo_ABHO_Pereira_Moraes_2014.pdf. Acesso em: 12 mai. 2018.

PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. **Extração de argila e suas implicações socioeconômicas e ambientais no bairro Olarias, em Teresina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí,

Teresina, 2005. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acesso em: 22 dez. 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC /SP*. São Paulo: Educ., nº14, 1997.

SAFFIOTI. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Expressão Popular: São Paulo, 1969.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. Disponível em: <https://bis.sebrae.com.br/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SILVA, Amanda Lima da. “Memórias do sol quente”: as mulheres trabalhadoras oleiras do poti velho, em Teresina – Piauí. **Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM**, v. 5, ano 1, p. 234-256. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/9072/7241>. Acesso em: 19 nov. 2021.

_____. “Na minha veia não corre sangue, corre barro”: histórias e memórias de mulheres ceramistas do bairro Poti Velho, em Teresina - Piauí. 2021. Dissertação (Mestra em História). Universidade Federal do Piauí, São Luis/MA, 2021.

_____. “Onde fica o Poti Velho?": Contradições urbanas da cidade de Teresina – Piauí. In: Dossiê Lugares na História do Século XXI. **Revista Latino-Americana de História**, v.9, n.24, Brasil, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/issue/view/35/showToc>. Acesso em: 1 de janeiro de 2021.

SILVA, Leni Maria Pereira. **Um estudo das estratégias de sobrevivência das famílias em extrema pobreza**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). 2011. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claro-MG, 2011. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/20/2019/05/4-Leni-Maria-PereiraSilva.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

SILVAI, Suianny Alves; SCABELLO, Andréa Lourdes Monteiro. O Poti Velho: Uma Abordagem Etnoarqueológica. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 2, art. 4, p. 66-83, abr./jun. 2013. Disponível em: www2.fsanet.com.br/revista. Acesso em: 14 mai. 2019.

SILVA, Raimunda Teixeira da. Cerâmica artística e independência econômica. **Ideias em Gestão, Faculdade AIEC**, Brasília, ed. 5, p. 16-19. 2011. Disponível em: <http://www.aiec.br/revista/pdf-mobiles.asp>. Acesso em: 17 mai. 2020.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **THOMPSON, E. P. Costumes em comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267 – 304.

_____. O termo ausente: Experiência. *In: A miséria da teoria – ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 180-200.

Fontes orais

ENTREVISTADA A. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

ENTREVISTADA F. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

ENTREVISTADA L. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

ENTREVISTADA M. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

ENTREVISTADA N. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

ENTREVISTADA R. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

SOBRE A AUTORA

Amanda Lima da Silva é mestre em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Memória da Escravidão e do Pós-Abolição (SANKOFA/UESPI).

Recebido em 30/09/2021

Aceito em 10/03/2022